

# FEIRA DA VILA SÃO LUIS: UM LUGAR INTERMITENTE E DE CULTURAS

GILLIARD DAMASIO SOARES<sup>1</sup>

JONATAN DE JESUS GOMES <sup>2</sup>

ROBSON MARCELLO DA SILVA<sup>3</sup>

## RESUMO

O presente artigo traz como objeto de seu estudo a feira livre do bairro da Vila São Luiz, que fica localizada no município de duque de Caxias – região metropolitana do Rio de Janeiro. No referido artigo iremos discutir o choque/encontro de culturas que acontece na Feira Livre em questão, onde por meio deste hibridismo surge uma nova cultura, neste caso trabalhamos com a ideia de fusão entre as culturas Nordestina e Fluminense gerando a *cultura Flurdestina*. Em outro momento discutimos a inserção de um novo conceito de lugar, *o lugar intermitente*, ou seja, é um lugar que tem como característica ser uma continuidade descontínua, pois, ocorre de forma cíclica, periódica, sendo está a chave de seu sucesso e permanência local.

Palavras chave: feira livre, lugar, cultura

## ABSTRACT

The present article brings as object of its study the free fair of the quarter of the Vila São Luis, that is located in the city of Duque de Caxias - region metropolitan of Rio De Janeiro. In the related article we will go to argue the shock/meeting of cultures that happens in the Free Fair in question, where by means of this hybridity appears a new culture, in this in case that we work with the idea of fusing between the cultures Northeastern and Inhabitant of the state of Rio de Janeiro generating the Flurdestina culture. At another moment we argue the insertion of a new concept of place, the intermittent place, that is, is a place that has as characteristic to be a continuity it discontinues, therefore, occurs of cyclical, periodic form, being it is the key of its success and local permanence.

Words key: free fair, place, culture

---

<sup>1</sup> Graduando do 8º período de Geografia pela Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – FEBF/UERJ; e-mail: [justgilliardforever@gmail.com](mailto:justgilliardforever@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduando do 8º período de Geografia pela Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – FEBF/UERJ; Monitor de Geografia Física e-mail: [jonatan.jesus99@yahoo.com.br](mailto:jonatan.jesus99@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Graduando do 8º período de Geografia pela Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – FEBF/UERJ; Bolsista FAPERJ pelo projeto Geopolítica da Natureza e-mail: [robsonmarcello@yahoo.com.br](mailto:robsonmarcello@yahoo.com.br)

# 1 INTRODUÇÃO

No início do século XX, o município de Duque de Caxias, localizado na baixada Fluminense (região metropolitana do Rio de Janeiro), servia para aliviar a grande massa populacional que já se concentrava na cidade do Rio de Janeiro que estava em crescente desenvolvimento, chegando a ser o Distrito Federal do País, esses fatores contribuíram para uma grande migração para o estado.

Nos anos quarenta, Duque de Caxias sofria um intenso crescimento populacional e desordenada expansão urbana agravado pela grande quantidade de nordestinos e pessoas de diferentes regiões do país que buscavam no Rio de Janeiro uma oportunidade de recomeço de vida, esses migrantes fixavam-se em cidades limítrofes a capital, por encontrar alugueis mais acessíveis ou construía suas casas em loteamentos, cujos terrenos eram adquiridos em condições favoráveis de preço e prazo de pagamento, formando assim bairros populares, porém, sem uma infra-estrutura básica.

Faissol (1973), afirma que no período dos anos quarenta aos anos setenta o Nordeste descobriu o Sudeste rumo aos grandes centros industriais: São Paulo e Rio de Janeiro. Nos anos cinquenta foram onze milhões de migrantes que deixaram as áreas rurais em nosso país, quase a metade saídos do Nordeste.

Segundo Lefebvre (2008) a concentração da população acompanha a dos meios de produção. O tecido urbano prolifera, estende-se e corrói os resíduos da viada agrária.

Procurando facilidade de transporte para a locomoção para a capital, ou seja, entre a residência e o local de trabalho, os recém chegados procuravam moradia em áreas próximas à estrada Rio Petrópolis e as estações ferroviárias como, Duque de Caxias, Gramacho, Campos Elísios, Jardim Primavera, Saracuruna, Imbariê e Parada Angélica. A preferência era pelo transporte ferroviário devido o baixo preço de sua passagem que subsidiada pelo Governo Federal. Porém, nas últimas décadas acompanhamos um processo de desenvolvimento urbano em toda parte do mundo, no Brasil não foi diferente, isso devido ao processo de mundialização/globalização, trazendo à tona questões diretamente relacionadas ao localismo e dessa forma criando uma nova definição socio-espacial que melhor traduzem o atual momento.

Nesse contexto observamos o capitalismo em sua nova fase, de maior internacionalização, garantindo-lhe uma maior fluidez e penetração, permitindo chegar a lugares e culturas antes inimagináveis a este sistema.

Por meio deste contexto como pano de fundo, optamos por apresentar um trabalho que contemplasse algo local, uma realidade mais próxima a nossa, o que nos permite um maior nível de detalhamento, tendo em vista o fator proximidade, logo, a **Feira da Vila São Luis** se encaixa

perfeitamente para o que queremos, pois, representa ao mesmo tempo um ponto de resistência ao sistema atual, além de, ser um lugar composto de múltiplas identidades e conflitos.

Aproveitamos algumas características que são particulares a Feira da Vila São Luis, para iniciarmos a discussão sobre um novo conceito de lugar, o conceito de **lugar intermitente**, desde já deixando claro que este conceito poderá ser utilizado em vários casos “demonstrados em artigos futuros” porém, nesse caso estaremos utilizando apenas no objeto do nosso estudo, que é a Feira.

Também apontamos como o encontro de culturas “hibridismo” pode gerar algo novo, uma nova cultura, completamente mista e ao mesmo tempo diferente, formada do encontro de duas ou mais culturas. Neste caso destacamos as culturas Nordestina e Fluminense e chamamos a esse encontro de culturas de: **Cultura Flurdestina**.

## 2 UM BREVE HISTÓRICO LOCAL

Em 31/12/1943, é criado o município de Duque de Caxias, por meio do Decreto nº 1055, sendo assim desmembrado de Nova Iguaçu. Nesta época o município já se encontrava em um acelerado e desordenado processo de urbanização, devido ao aumento populacional, fruto do intenso movimento migratório em direção a região Sudeste, movimento este vindo de todas as regiões, sendo o maior número da região Nordeste. A existência de Fronteiras abertas e um processo maciço de metropolização ainda não completamente estabilizado proporcionou condições dessa intensa mobilidade populacional (Rua, 1997).

Esse fator acelerou o surgimento de bairros importantes no município, entre eles o bairro da Vila São Luis, favorecido devido sua localização próxima ao centro do município, sendo durante algum tempo considerado como centro de Duque de Caxias. Hoje o bairro da Vila São Luis possui uma boa infra estrutura, ruas pavimentadas, é atendida por três empresas de ônibus: Reginas, Fabios e União, responsáveis por fazer o transporte municipal e no caso da empresa Reginas o transporte municipal e intermunicipal, pois, além de, fazer a interligação entre os bairros do município, também faz o transporte até a central do Brasil (centro do Rio de Janeiro), com o valor de sua tarifa estipulado em R\$ 3,85 (três reais e oitenta e cinco centavos).

O município teve sua primeira rodoviária inaugurada em dezembro de 1956, que funcionava na praça do pacificador, no lado voltado para a avenida Plínio casado, que já nesta época abrigava um pequeno comércio composto de algumas lojas e bares. A princípio tinha apenas uma linha de ônibus que era Caxias Praça Mauá e só alguns anos depois que surgiu a segunda linha, Caxias central (Stélio, 2001).

O bairro possui algumas agências bancárias (Itaú e Bradesco), além de, vários caixas 24h espalhados pelo comercio local, uma boa rede de supermercados, casas de material de construção

“destaque para o Carrefour e Amoedo”, diversos pontos de lazer público, entre eles o mais conhecido do bairro é a praça da apoteose onde sempre acontece shows, campeonatos de futebol, eventos religiosos, comemoração de carnaval entre outros. Essa praça se encontra paralela a feira.

Devemos destacar também a rede de ensino local, dentre os quais separamos algumas instituições públicas estadual e municipal de ensino fundamental e médio: Colégio Aquino de Araújo, Escola Municipal Marechal Mallet, Colégio Estadual Lia Márcio Gonçalves Panaro, CIEP-098 Brizolão Hilda do Carmo Siqueira. Uma instituição de nível superior Estadual a FEBF (Faculdade de Educação da Baixada Fluminense) com formação nos cursos de Pedagogia, Matemática e Geografia.

## **2.1 FEIRAS LIVRES: UM LUGAR DE ENCONTROS**

A Feira Livre da Vila São Luis acontece semanalmente todas as sextas-feiras, na avenida Brasil, Vila São Luis – Duque de Caxias, tem um horário de funcionamento entre às 7h da manhã as 14h da tarde, sendo que para ter início logo cedo, suas barracas começam a ser armadas na noite anterior, ou seja, na noite de quinta-feira, e assim que amanhece o dia já está tudo organizado, pronto para receber o seu público.

Segundo relatos de moradores da região e da associação de moradores a feira existe no bairro desde a década de 70, passando ao longo dos anos por algumas mudanças na sua localização mais, sempre no mesmo bairro e nas ruas paralelas a sua atual localização. Inicialmente a feira se localizava na rua São João, atual Rodrigo Otávio, mais tarde passou para rua Deputado Sá Rego, até chegar a sua localização atual na Avenida Brasil, tendo como peculiar, sua permanência nas ruas do bairro lhe faz conhecida e ao mesmo tempo ponto de encontro, como nos mostra Henri Lefebvre:

A rua? É o lugar (topia) do encontro, sem o qual não existem outros encontros possíveis nos lugares determinados (cafés, teatros, salas diversas). Esses lugares privilegiados animam a rua e são favorecidos por sua animação, ou então não existem. Na rua, teatro espontâneo, torno-me espetáculo e espectador, às vezes ator. Nela efetua-se o movimento, mistura, sem os quais não há vida urbana, mas separação segregação estipulada e imobilizada. (LEFEBVRE, 2008, p. 29)

As Feiras Livres representam um pouco da nossa história pretérita, quando os produtos eram comercializados nas ruas de forma mais simples e direta. Os comerciantes em sua grande maioria, também eram os produtores dos mais diversos produtos, desde um artesanato a produtos agrícolas plantados e cultivados pelos mesmos.

Segundo Mascarenhas (1991) a feira não se constitui apenas como um lugar de comercialização de diversos produtos, mas tem um caráter de lugar de encontro, uma tradição

urbana. Já para Matos (2010) a maioria das feiras possuem um caráter marginal tendo em vista que estão localizadas nas periferias e as áreas mais valorizadas não desejam tê-las por perto pelos transtornos que elas trazem, ainda segundo a autora na maioria das grandes cidades as feiras foram em parte substituídas pelos supermercados e shoppings centers ainda segundo o autor, representantes do circuito superior da economia. Isso pôde ser percebido na última transição de governo municipal quando o atual governo (segundo relatos dos trabalhadores da feira) pensou em extinguir esse lugar que ratifica a rua como lugar do encontro (Mascarenhas, 1991).



Ilustração 01

Fonte: Arquivo pessoal



Ilustração 02

Fonte: Arquivo pessoal

Podemos observar nas ilustrações 01 e 02, uma gama diversificada de produtos comercializados nesta feira. Sua Variedade se dá na necessidade de sua permanência, pois, se continuasse a vender apenas produtos típicos de feiras livres como, frutas, verduras, legumes, pasteis, bolinhos, caldo de cana entre outros, fatalmente perderia seu espaço para o comércio local, tendo em vista sua proximidade ao mesmo.



Ilustração 03

Fonte: Arquivo pessoal Ilustração 04

Fonte: Arquivo pessoal

As barracas que de alguma forma fazem a diferença e atraem a população de todas as idades, são aquelas que de alguma forma se adaptaram a realidade atual, ou seja, a lógica global de consumo, tendo como destaque a venda de itens eletrônicos como, peças de microinformática, celulares “Made in China”, rádios portáteis, (ilustrações 03 e 04), cd's e dvd's “virgens e gravados” (ilustração 06), além de, plantas decorativas (ilustração 01) e peixes ornamentais.



Ilustração 05  
pessoal

Fonte: Arquivo pessoal Ilustração 06



Fonte: Arquivo

Na ilustração 05 podemos observar a presença de temperos e comidas típicas da culinária Nordestina como, tapioca, feijão de corda, azeite de dendê entre outros, esse tipo de barraca contempla a cultura da grande maioria dos migrantes o que de certa forma transmite um pouco da sua terra natal.

### **3 CHOQUE DE CULTURAS OU HIBRIDISMO CULTURAL?**

Ao iniciarmos um estudo mais detalhado sobre a feira e sua história, observamos a diversidade cultural nela existente, isso devido ao processo migratório ocorrido no passado e que

continua até os dias atuais, porém, em uma escala muito menor.

Santos (2008) tinha uma inquietação no que tange a questão demográfica no nosso país entre elas o processo migratório que se deu no passado chegando a seguinte conclusão: “A composição demográfica da população urbana se apresenta variada, desequilibrada e em rápida evolução. É um reflexo do dinamismo demográfico geral, característico dos países subdesenvolvidos e da forte migração em direção às cidades.” (SANTOS, 2008, p. 43).

Huntington apud Haesbaert (2006) corrobora com alguns autores que relatam que não há cultura sem mescla de identidade, citando para tal um trecho do livro de Rogério Haesbaert: A nova des-ordem mundial:

Para os defensores dessa posição, o mundo não estaria reforçando sua diferenciação em termos grupos e áreas de identidades culturais claramente definidas, mas, ao contrário, estaria sofrendo um gradativo processo de desenraizamento, miscigenação e trocas que levaria ao domínio de processos “híbridos”, combinações diversificadas de traços culturais em que as “identidades”, em seu sentido tradicional, não seriam passíveis de delimitação. (HAESBAERT, 2006, p. 88)

Segundo Cuche (1999) as culturas nascem de relações sociais que são sempre desiguais, isso nos remete diretamente à própria formação do município de Duque de Caxias que foi formado em sua maioria por milhares de nordestinos vindos para o Rio de Janeiro durante décadas na busca de uma qualidade de vida melhor. Estes nordestinos na busca da proximidade com o local de trabalho se deslocam para Duque de Caxias pela sua localização próxima a grande metrópole o que facilitava sua locomoção na ordem: casa/trabalho - trabalho/casa, esse processo de fixação de milhares de nordestinos em Duque de Caxias, com seus hábitos e costumes, foi classificado por Cuche como *Habitus*:

O *habitus* é o que caracteriza uma classe ou um grupo social em relação aos outros que não partilham das mesmas condições sociais. Às diferentes posições em um espaço social dado correspondem estilos de vida que são expressão simbólica das diferenças inscritas objetivamente nas condições de existência. (Cuche, 1999, p. 171).

Ainda segundo Cuche (1999) a identificação se constrói, se desconstrói e se reconstrói segundo as situações presentes. Ela está sem cessar em movimento, cada mudança social leva-a a se reformular de modo diferente, assim como o espaço onde ela se materializa. Esse processo de mutabilidade da identidade é conceituado como “estratégia de identidade”, onde a identidade é vista como um meio para atingir um objetivo. Logo, a identidade não é absoluta mais relativa.

Observando o cotidiano fluminense e principalmente carioca percebemos a produção de uma cultura diferenciada da vivida principalmente na capital e metrópole, uma cultura com características típicas da(s) cultura(s) nordestina(s) como culinária, música, expressões entre outras,

e que juntas nos remetem a idéia de identidade nordestina que podem ser percebidas nas relações que ocorrem nas feiras que acontecem em Duque de Caxias e nesse caso mais especificamente na feira que ocorre na Vila São Luis.

É nesse contexto que observamos o encontro de duas culturas, Fluminense e Nordestina, alguns autores gostam de utilizar o termo “*choque cultural*”, porém, o termo *choque*, nos remete a um sentido de conflito, o que não ocorre, muito pelo contrario, principalmente no tocante a região pois, é até os dias atuais um local que concentra uma grande quantidade de Nordestinos que continuam migrando devido a presença de familiares vindouros de outras épocas, ou mesmo, devido melhores condições de trabalho. A cultura Flurdestina vem demonstrar não o choque mais sim o encontro de duas culturas, que acontece em um processo de paz e por meio de troca constante nas mais diversas áreas culturais de cada povo. Esse fenômeno é também conhecido de forma mais abrangente como aculturação:

A aculturação é o conjunto de fenômenos que resultam de um contato contínuo e direto entre grupos de indivíduos de culturas diferentes e que provocam mudanças nos modelos (patterns) culturais iniciais de um ou dos dois grupos. (Cuche, 1999, p. 115).

Levi-Strauss apud Cuche (2002) em seu entendimento conclui que toda cultura pode ser considerada como um objeto de sistemas simbólicos, onde no primeiro plano destes sistemas colocam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência e a religião.

A essa troca de culturas, que se entrelaçam nesse lugar em comum é o que nos inquietou e nos fez pensar nessa nova cultura, pois é algo novo de fato, um pouco das lembranças de uma terra natal imbricadas a uma cultura completamente diferente, mas, acolhedora e receptiva permitindo-lhe um processo de mutabilidade continuo ao longo da história.

#### **4 LUGAR INTERMITENTE: UM NOVO CONCEITO GEOGRÁFICO**





Ilustração 07 Fonte:

Arquivo pessoal

A Ilustração 07 é formado por um painel de fotos para melhor avaliarmos a rua em um dia normal (sem feira) e a mesma rua em dias de feira, o que lhe dá uma outra dinâmica um outro fluxo em diversos sentidos que serão abordados a partir de agora.

A feira da vila são Luis assim como diversas feiras têm uma característica interessante no que diz respeito às categorias que a Geografia comumente adota para entender a realidade, como nos lembra Lencione (2006) “(...) o real existe independentemente dos conceitos que porventura concebemos para interpretá-lo”

Além de sua mobilidade localizacional que é conjuntural, ou seja, varia de acordo com o momento ou época e que ao longo da historia recente pode ser constatada e já observada antes neste trabalho podemos falar de sua mobilidade estrutural, ou seja, podemos dizer que ela existe e funciona bem, devido a sua característica móvel e/ou flexível (tendo em vista que pelo fato de só acontecer durante um dia da semana, para ser mais preciso todas as sextas feiras a maioria das pessoas que nela trabalham podem em outros dias da semana trabalhar em outras feiras).

Essa mobilidade estrutural que é característica da feira na vila são Luis, um lugar onde ocorrem simultaneamente uma gama de relações que por serem sociais são conseqüentemente espaciais (tendo em vista que todas as relações sociais ocorrem no espaço) chama a atenção por possuir um caráter periódico, ou seja, que se repete com intervalos regulares de tempo. Porém, antes de abordar essa característica periódica ou como preferimos, intermitente precisamos conceituar

lugar, uma importante categoria geográfica.

Dentro do universo da ciência geográfica o conceito ou categoria lugar apresenta varias definições sendo que as mais utilizadas atualmente são duas:

Tuan (1983) da geografia humanística, onde o lugar é um recorte afetivo do espaço. Sendo o lugar classificado de acordo com a natureza da experiência, a qualidade da ligação emocional aos objetos físicos, as funções dos conceitos e símbolos, que a pessoa tem com o lugar;

Massey (2000) da geografia critica de cunho marxista, onde o lugar é um recorte do espaço que apresenta identidades múltiplas, onde ocorrem conflitos, em outras palavras é no lugar que as relações ocorrem.

Lugares não possuem uma única identidade, eles estão cheios de conflitos internos. A especificidade de um lugar deriva do fato de que cada lugar é o foco de uma mistura distinta de relações sociais externas e locais. Essa mistura num lugar produz efeitos que não ocorreriam de outra forma. Todas essas relações se interagem com a ajuda da história acumulada do lugar, produto de camadas sobre camadas de diferentes conjuntos de elos e vínculos locais e com o mundo exterior. (MASSEY, 2000, p. 183)

Ao analisar a feira pode ser percebido essas diversas características citadas pelos autores expostos. Entretanto a visão de lugar da geografia humanística é muito mais voltada para a relação individuo-meio e como este se sente em relação ao lugar, ou seja, uma relação afetiva entre indivíduo e meio; a visão de lugar na geografia critica de cunho marxista vai além dessa abordagem, o que ela busca entender são as relações sociais que ocorrem nesse lugar e que de uma forma dialética é produto e produz a sociedade; o que para esse estudo é muito mais viável já que nosso objetivo é entender as características e relações que ocorrem nesse lugar (produto e produtor social) que é periódico e/ou intermitente.

Para entender o que é intermitente (um conceito comumente utilizado pela geografia física para diversos estudos) buscamos suporte em alguns dicionários. Entretanto todos chegam a um “denominador comum”, ou seja, a uma mesma ou parecida conceituação:

Dicionário Michaelis – Intermitente: que intermitente é algo não contínuo; com intervalos de tempo;

Dicionário Silveira Bueno – Intermitente: não contínuo; que apresenta interrupções ou suspensões.

Tendo em vista esse lugar produto e produtor social, onde as relações espaciais tanto externas como locais ganham sentido, ou como segundo Santos (2009): “*Cada lugar, é a sua maneira, o mundo*”, ou seja, cada lugar reflete mesmo que com intensidades diferentes o todo em que está inserido. Segundo a teoria do holograma de Ferreira (2005) cada recorte espacial por menor que seja vai refletir o todo mais amplo em que está inserido assim como o holograma também por

menor que seja sua resolução busca sempre expressar a imagem inteira. Podemos perceber que a lógica da ordem universal (as grandes corporações e instituições supranacionais) e local (relações dos indivíduos em grupos) que Santos (2009) nos traz, ganha assim sentido no lugar.

Tendo em vista essas questões podemos conceituar lugar intermitente como: um lugar cíclico descontínuo, entretanto contínuo já que ele segue uma lógica própria de existência no tempo e espaço. Essa sua característica de “descontinuidade contínua” é fruto de sua mobilidade estrutural pela qual e em função da qual ele existe e funciona bem na sua lógica própria.

Os interesses inerentes a cada tempo tende a se materializar-se no espaço, dessa forma o mesmo se encontra em um constantemente processo de mutabilidade, gerado pelo interesse do capital mundial que se concretiza conforme uma sua necessidade e particularidade de cada lugar.

Ao produzir sua existência, a sociedade reproduz, continuamente o espaço. Se de um lado o espaço é um conceito abstrato, de outro tem uma dimensão real e concreta como lugar de realização da vida humana, que ocorre diferentemente no tempo e no lugar e que ganha materialidade por meio do território. (CARLOS, 2001, p. 11)

Corrêa (1989) nos mostra o espaço simultaneamente fragmentado e articulado, onde, cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade variável, como visto anteriormente na teoria do holograma. São esses fragmentos que criam sentido a si mesmo e ao todo ao qual o envolve. Essas relações carregadas com o todo o qual contempla cada parte e o que faz cada lugar singular em relação a outro como nos mostra (CARLOS, 2001, p. 36):

São as relações que criam o sentido dos “lugares” da metrópole. Isto porque o lugar só pode ser compreendido em suas referências, que são específicas de uma função ou de uma forma, mas produzidos por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso.

Milton Santos nos ensina que a totalidade é algo que está constantemente em mutação devido a mudança de suas partes, desta forma estamos submetidos a um espaço complexo repleto de inúmeras variáveis tornando praticamente imprevisível qualquer previsão futura e até mesmo presente.

É a totalidade do todo o que buscamos aprender, mas a totalidade é uma realidade fugaz, que esta sempre se desfazendo para voltar a se refazer. O todo é algo que esta sempre buscando renovar-se, para se tornar de novo um outro todo. (SANTOS, 1996, p. 94)

O conceito de lugar intermitente se entrelaça com o conjunto de variáveis local, o que a torna real e particular nesse lugar, mas sempre partindo da ideia que o todo é sempre maior que o

somatório das partes. Essa interposição de um conjunto de variáveis e o que faz que um pequeno evento gere uma grande distorção na previsibilidade inicial segundo Camargo (2005). Neste contexto observamos o espaço em que se encontra a feira em um processo de ordem, até ser atingida por algum evento que a faça entrar em desordem e a partir daí gerar uma nova ordem. (Berthalanffy, 1968).

Temos a rua onde se encontra a feira em um processo de ordem durante a semana até quinta-feira à noite, quando passa por um processo de desordem com a montagem das barracas até entrar em uma nova ordem logo pela manhã, com o funcionamento da feira local até as 14h. Quando retorna este ciclo, retornando a sua antiga ordem desde que nenhum outro evento ocorra e modifique esse processo, ou seja, sua ordem engendra uma outra ordem de acordo com Lefebvre (2008).

Conforme (CAMARGO, 2005, p. 32):

O conceito de ordem e desordem se encontra em um novo patamar de análise onde a ordem deixa de ser absoluta, passando a ser relativa e relacional (Stewart, 1991; Morin, 1997), pois ordem e desordem nascem juntas, enlaçando-se mutuamente gerando novas organizacionais a partir de estados criativos. A organização em sistema produz qualidades ou propriedades desconhecidas das partes, concebidas isoladamente e que geram o novo (Morin e Moline, 2000).

Para Santos (1988) “quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, únicos”. Podemos ver o todo e suas partes em uma complexa interligação e essas interligações por sua vez impostas pela totalidade espacial. Dessa forma cada lugar tende a reagir de maneira própria, particular as tendências globais de cada tempo-espaço. Por esta lógica temos o “único” e o “global” explicando-se e completando-se mutuamente, sendo o lugar o ponto do mundo onde se realiza algumas das possibilidades do global.

#### **4.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao discutirmos a feira livre da Vila São Luis na verdade estamos nos reportado ao nosso espaço vivido, espaço esse repleto de particularidades e singularidades visíveis aqueles que vivenciam o cotidiano local e as transformações sofridas pelo mesmo em seu tempo-espaço. Por essa condição de transformação (mutabilidade) fruto de um sistema capitalista e interesses globais que ditam as regras em todas as partes do mundo e o que nos fez pensar em algo local ao mesmo tempo carregado desse interesse que é global e suas diversidades.

Na verdade ao falarmos de lugar intermitente ou mesmo da cultura flurdestina estamos falando da materialização do capitalismo que é global e suas transformações que ocorrem conforme as características de cada lugar. O processo migratório que vimos no município foi devido ao desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro, a espacialização em uma parte traz a segregação em outra, neste caso falando das regiões Sudeste e Nordeste, sendo este processo comum em tempos de globalização.

O encontro de culturas (hibridismo) ocorre em toda parte do mundo por vários motivos, seja por uma oportunidade de trabalho, melhores condições de vida ou mesmo pelos muitos rumos que nossa vida pode dar. Na Vila São Luis podemos contemplar esse fato de forma mais presente mais próxima a cada um de nós, encontramos algumas particularidades da cultura Nordestina fundidas na cultura Fluminense, e que se torna ainda mais aparente nos dias de feira ocorrendo em

um lugar específico do bairro (lugar intermitente) e que por esse motivo o torna diferente dos demais, com suas peculiaridades e no seu funcionamento que é estrutural, contínuo e ao mesmo tempo descontínuo o garante o bom funcionamento do bairro e mantém seu atrativo, neste caso a feira.

Esperamos que esse seja o início deste debate, por isso não estamos aqui concluindo nada mas, abrindo um novo campo teórico para a ciência Geográfica. Concordamos que esses novos conceitos apresentados aqui podem ser utilizados em diversos discursos do ramo, pretendemos em trabalhos futuros apresentarmos novas situações de lugar intermitente, as possibilidades são várias, seja um ponto de venda de drogas, seja um ponto de prostituição, atividades em praças públicas ou espetáculos ao ar livre. Este é apenas um primeiro esboço que procura retratar uma cultura local e suas particularidades tendo em vista sua materialização no lugar.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTHALANFFY, Ludwig Von. **Teoria Geral de Sistemas**. Petrópolis: Vozes. 1968.

CAMARGO, Luis Henrique Ramos de. **A ruptura do meio ambiente**. Rio de Janeiro. Editora Bertrand. 2005.

CARLOS, Ana Fany Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole**. Contexto. 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. Editora Ática. 1989.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Florianópolis: Edusc, 2002.

FAISSOL, Speridião. **Migrações Internas no Brasil e Suas Repercussões no Crescimento Urbano e Desenvolvimento Econômico**. Revista Brasileira de Geografia, IBGE, RJ. Ano 35, n.2. 1973.

FERREIRA, Álvaro. **Da (re)construção da noção de totalidade à construção do holograma sócio-espacial**. Anais do X encontro de Geógrafos da América Latina. USP, 2005.

HAESBAERT, Rogeiro. PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: Editora UNESP. 2006.

LEFEBVRE, Henri, **A Revolução Urbana**. Editora UFMG. 2008

LENCIONE, Sandra. **Reconhecendo Metrôpoles: Território e Sociedade** in SILVA, Catia Antonia da, GUICHARD, Désrée. FREIRE, Floriano José Godinho de Oliveira. Ed. FAPERJ, 2006.

MASCARENHAS, Gilmar. **O Lugar da Feira Livre na Grande Cidade Capitalista: Conflito, Mudança e Persistência** (Rio de Janeiro: 1964-1989), dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRJ, 1991.

MASSEY, Doreen. **Um sentido global do lugar**. In: ARANTES, Antônio (Org.). O espaço da diferença. Campinas: Papirus, 2000. p. 176-185.

MATOS, Benedito Erivaldo de Sousa. LACERDA, Márcio Francisco de. ROBERTO, Roberto Gomes de. **O centro da periferia: um recorte espacial da feira livre do Pedregal**. 2001

POVOA NETO, Helion. **Migrações Internas e Mobilidade do Trabalho no Brasil Atual. Novos Desafios Para a Análise**. *Experimental*, n. 2, p. 11 – 24. Dep. de Geografia. USP. Março. 1997.

RUA, João. **Paus-de-Araras e Pardais: o Brasil Migrante em Começo do Século XXI**. 1997.

SANTOS, Milton. **Manual de Geografia Urbana**. 3ª edição. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: Técnica, Tempo, Razão, Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

STÉLIO, Lacerda. **Uma Passagem Pela Caxias dos Anos 60: fragmento de memória e registros diversos**. Edição do autor. 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Ed. Difel, 1983.